

COMO O HISTÓRICO AUTORITÁRIO CONTRIBUIU PARA O ENFRAQUECIMENTO DA DEMOCRACIA NA RÚSSIA APÓS A CHEGADA DE VLADIMIR PUTIN AO PODER

*Maria Eduarda Buonafina Franco Dourado**

Resumo

Após o fim da Guerra Fria passamos a constatar a queda de diversos regimes autoritários na África, na Eurásia pós-comunista, na América Latina e na Ásia. Alguns países entraram em um processo de transição para um Estado democrático. É importante lembrar esse processo de transição nem sempre leva o país a estabelecer uma democracia e muitos dos países terminaram retornando ao status de autoritário. No caso russo, nos chama atenção o seu processo de democratização que terminou por não se concretizar de acordo com a expectativa de muitos teóricos ocidentais. Na verdade, o que se formou no país foi um regime híbrido, uma mistura entre democracia e autoritarismo, no qual, é definido como autoritarismo competitivo ou autoritarismo eleitoral. O sistema político russo se resume em um governo centralizado e um poder executivo forte, característica básica de um governo autoritário, porém, também agrega mecanismos e instituições democráticas como eleições diretas, multipartidarismo e plebiscito. Sabemos que o país russo passou por um longo período de regimes autoritários, seja através do czarismo ou na forma de um partido político, como ocorreu com o Partido Comunista. Atualmente podemos admitir que o governo do presidente Vladimir Putin tem adotado diversas políticas caracterizadas como autoritárias (controle da mídia, disputas eleitorais injustas, repressão a oposição, entre outras violações) e o que termina chamando atenção é a aprovação popular a este estilo de governo. Sabendo que o país foi marcado por governos autoritários, este artigo se compromete a analisar a importância do autoritarismo para a formação do Estado russo e como isso ainda influencia a cultura política da sociedade russa atualmente. Além de fazer uma breve análise da experiência democrática nos anos 90. Ao fazer isso, poderemos identificar os principais fatores que contribuíram para o retorno de políticas autoritárias na Rússia governada por Vladimir Putin com apoio popular.

Palavras-chave: Autoritarismo. Vladimir Putin. Autoritarismo eleitoral. Regime Híbrido. Democracia.

INTRODUÇÃO

Início da década de 1990, o ocidente paralisa para observar a União Soviética se desmontar. A queda da URSS trouxe para a Rússia um novo sistema político e econômico, sendo eles respectivamente a democracia e o capitalismo aos moldes ocidentais. O Ocidente acompanhava

* Graduada em Relações Internacionais; Faculdade Damas da instrução cristã (FADIC); e-mail: eduardaabuonafina@gmail.com

atentamente essa transformação, e durante o governo de Boris Yeltsin parecia que o país estava caminhando para se transformar em uma democracia. Mas o que realmente aconteceu na Rússia?

Em uma lista criada pelo comissariado do povo para os assuntos internos (NKVD), estava o nome de Ivan Smirov e de mais 33 homens que logo seriam presos e posteriormente fuzilados. Quase oitenta anos depois, Boris Nemtsov caminhava pelas ruas ao lado de uma mulher ucraniana e ao chegar a uma ponte próxima ao Kremlin, sede do governo russo, o rapaz é surpreendido e morto com quatro tiros. Horas antes da sua morte, Nemtsov havia participado de uma entrevista em uma rádio onde afirmava que era difícil viver sob constante intimidação e pressão do governo russo.

O que esses dois jovens rapazes teriam em comum? Já que uma diferença enorme de tempo separa a realidade dos dois. O primeiro rapaz viveu na URSS do período Stalinista e foi fuzilado em 1937, já o segundo, viveu em uma Rússia capitalista e democrática e foi assassinado em 2015. Ambos foram vítima do mesmo crime, ambos eram da oposição política dos seus respectivos governos. Ivan participava do grupo de oposição de esquerda que se opunha ao governo stalinista, conhecido como trotskistas. Boris era um dos principais membros da oposição do atual governo russo, era contra o conflito ucraniano. Sim, foram mortos por serem da oposição, ou seja, foram mortos a comando de um líder autoritário e intolerante que governava o país no período.

Após a queda da União Soviética, a Rússia enfrentou um processo de transformação política e econômica. Na área econômica, o país adere ao capitalismo, através da abertura de mercado e de um processo radical de privatização que termina deixando boa parte da população desempregada e pobre. Na área política, cai o regime autoritário comunista e a sociedade pode vivenciar um período democrático, com multipartidarismo, sufrágio universal, voto direto, liberdade civil, liberdade religiosa entre outros.

Esse período “democrático” (1991-1999) acontece durante o governo de Boris Yeltsin, que se torna o primeiro presidente da Federação Russa, eleito através do voto direto. Nos anos 2000, com a entrada de Vladimir Putin, o desenvolvimento da democracia entra em declínio, segundo a organização Freedom House¹, que mede o grau das democracias pelo mundo, mudou a classificação do país de “parcialmente democrático” para “não democrático”.

O que nos intriga é que a população russa através de meios democráticos, vem elegendo líderes com tendências autoritárias e políticas centralizadoras. O país que vivenciou mais de 700 anos de autoritarismo, primeiro na personalidade do czar e depois a ditadura partidária no período soviético tem o avanço democrático podado por escolha da própria população. Seguindo este

1

Freedom House: <https://freedomhouse.org/>

raciocínio, podemos perguntar: como o retorno do autoritarismo tem sido explicado e compreendido pelos acadêmicos comprometidos com a análise dessa questão?

1. DEMOCRACIA NA RÚSSIA PÓS-SOVIÉTICA

No caso do país estudado, as discussões a respeito da democracia surgiram tarde em comparação aos países ocidentais, onde, a Rússia mostrou seguir um rumo diferente após a queda do governo czarista (SEGRILLO, 2012). Esse modelo autoritário foi logo substituído por um modelo centralizador em forma de partido político, em que o Partido Comunista havia tomado todo o controle do Estado russo e de algumas repúblicas vizinhas, membros da União Soviética. A saída da Rússia da URSS, fez com que todo o ocidente voltasse sua atenção para o novo sistema adotado pelo país nesse momento. A transição do governo socialista para um sistema democrático e liberal foi extremamente traumático para a população russa, mas foi visto de modo positivo para os países ocidentais. Toda essa expectativa foi frustrada logo após a renúncia do primeiro presidente eleito de forma democrática, Boris Yeltsin.

O seu sucessor, Vladimir Putin, não suspendeu completamente os direitos elencados pelo sistema democrático, mas conseguiu de modo estratégico, criar um sistema que na sua carcaça seria considerado democrático com eleições diretas, “liberdade” de informação, multipartidarismo, entre outros. Por fora, o sistema adotado pela federação russa é considerado democrático, por dentro das instituições é que há um enorme controle por parte do presidente, as eleições são praticamente arranjadas, onde até a oposição é controlada e muitas vezes forjada. Como exemplo, o partido liberal democrata, que se considera oposição mas no parlamento tem se alinhado ao partido criado por Putin, o Rússia Unida. Além disso, o “multipartidarismo” também está sob controle do governo, através da taxa de barreira mínima e outros mecanismos que limitam a participação de grande parte dos partidos na Duma. Para controlar a oposição dos governos regionais, foram criados 7 distritos e a indicação dos governadores ficou ao poder do presidente. O que precisamos entender é que o sistema político da Rússia atual mais se parece com um regime híbrido com características democráticas (eleições diretas, multipartidarismo) misturado a um alto grau de centralismo político característico de regimes autoritários, é importante salientar que não podemos declarar que a Rússia atual apresenta todas as características de regime autoritário clássico.

De fato, o que aconteceu na Rússia ao final da era soviética foi algo inesperado para a maioria dos acadêmicos ocidentais. Após o final da Guerra Fria houve uma proliferação de regimes híbridos de diferentes formas e graus, na África (Gana, Moçambique, Quênia), na América Latina (Peru, Paraguai, México), na Eurásia (Albânia, Croácia, Rússia, Sérvia, Ucrânia) e até mesmo na

Ásia (Taiwan e Malásia) (Levitsky, 2010). Alguns especialistas apostavam que o regime híbrido seria apenas adotado no período de transição desses países para uma democracia, o que posteriormente se mostrou errado. Esses países tomaram rumos diferentes, muitos se tornaram regimes autoritários, alguns se transformaram em democracias a alguns se mantiveram como regime híbrido, mostrando que não houve uma transformação em um sentido só (para a democracia).

A junção entre democracia e autoritarismo tem gerado diferentes tipos de regimes híbridos e cada um apresentando diferentes implicações na performance econômica, nos direitos humanos e no seu grau democrático (LEVITSKY, 2002). A Rússia sob o governo de Vladimir Putin foi reconhecido pelo cientista como um autoritarismo competitivo (*competitive authoritarianism*), sendo um tipo peculiar de regime híbrido.

Segundo Levitsky (2002), esse tipo de regime utiliza as instituições democráticas como meio para obter e aumenta a autoridade política. Além disso, devemos distinguir o autoritarismo competitivo dos regimes democráticos e também não podemos classificá-lo como autoritarismo clássico. Em seu artigo, Levitsky (2002) detalha como se desenvolve o autoritarismo competitivo definindo primeiramente as premissas de um regime democrático moderno em 4 critérios: 1) legislativo e executivo serão eleitos por meio de eleições diretas, livres e justas; 2) todos os adultos possuem o direito de votar; 3) direito político, liberdade civil (liberdade da mídia, livre associação e liberdade para criticar o governo); 4) as autoridades eleitas não poderão estar sujeitos ao controle tutelar de líderes militares e ou a líderes religiosos. Lembrando que, até em um regime democrático podem ocorrer violações de alguns desses critérios mas não é algo que ocorra frequentemente.

Já em um regime autoritário competitivo, as violações dos critérios citados acima acontecem com uma maior frequência e geralmente torna impossível um campo de batalha justo entre o governo e a oposição. Fraudes eleitorais, controle da mídia, manipulação dos resultados eleitorais, os membros da oposição (jornalistas e candidatos) são muitas vezes espionados, perseguidos, presos ou até mesmo exilados. Sabendo disto, podemos concluir que regimes autoritários competitivos não podem ser entendidos como democráticos. Da mesma maneira que não podemos encarar um regime autoritário competitivo como democrático, não podemos considerá-lo completamente autoritário. No autoritarismo competitivo não há intenção de extinguir a democracia, mas sim de manipular as regras democráticas, sem violar abertamente essas regras.

Vladimir Gel'man (2014) em seu artigo, adere a ideia de autoritarismo competitivo mas sugere outro nome para o tipo de regime da Rússia pós-soviética: o autoritarismo eleitoral. Ele utiliza esse conceito por acreditar que na Rússia, as eleições são importantes, em contraste com o processo eleitoral de um regime autoritário clássico, conhecido como eleições sem uma real escolha

(*elections without choice*). Embora que na Rússia as eleições sejam livres e diretas, há mecanismos legais e ilegais que proporcionam uma batalha eleitoral injusta para a oposição, como exemplo as altas barreiras para a participação dos partidos e dos candidatos, dificuldade do acesso da oposição ao financiamento eleitoral e a mídia.

Para manter um regime autoritário nesses moldes, o líder tem que ser capaz de diminuir a vulnerabilidade do regime as influências ocidentais, além de combater qualquer fraqueza das suas capacidades coercitivas e garantir que o partido dominante se mantenha no poder. Por esse motivo, os líderes russos tendem a construir um monopólio político sem igual, através dos aparatos coercitivos do Estado e do partido de poder (Rússia Unida).

2. AFINAL, DE QUEM É A CULPA?

O retorno da Rússia a um regime predominantemente autoritário é explicado pelos autores Katheryne Stone e Michael Mcfaul (2015) em seu artigo *Who lost Russia (this time)?*. O artigo faz uma análise de um conjunto de livros e artigos produzidos no campo acadêmico comprometidos em entender o que aconteceu com a Rússia pós-soviética. Segundo os dois autores, basicamente na maioria do material produzido indica que o Ocidente tem uma grande parcela de “culpa” pelo que ocorreu na Rússia.

Em seguida apontam que os argumentos utilizados seguiram em duas direções distintas, uma delas apontando que o Ocidente fez muito e a outra que fez pouco para apoiar a transição democrática no país, “*The West did too much, and the West did too little*” (Stone & Mcfaul, 2015).

The “too much” camp blamed the IMF, Treasury, shock therapists, and democracy promoters for pushing too hard and too fast for reform within Russia. The “too much” camp also blamed the West for exerting excessive external pressures on Russia-NATO expansion [...] Conversely, the “too little” camp focused on the West’s uncritical support for Russia’s corrupt, underdemocratic, and belligerent government. The FMI was too lax, lending money to President Boris Yeltsin’s underperforming government for political reasons. [...] President Clinton also was accused of placing too much trust in Yeltsin, who turned out allegedly to be a drunken buffon presiding over a corrupt regime, uninterested in or incapable of reform. (STONE & MCFAULI, 2015, p. 167,168)

Esse dois autores enfatizam a “culpa” do Ocidente e principalmente dos Estados Unidos pela retomada do conflito que relembra o cenário de tensão do período da Guerra Fria e pela realidade democrática do país. Os que defendem que o Ocidente “fez muito” buscam fundamentar sua explicação no período posterior ao fim da União Soviética, com a transição do país para uma democracia liberal aos moldes ocidentais. Já os adeptos da corrente “fez pouco”, culpam os Estados

Unidos, principalmente durante o mandato de Obama. De acordo com eles, a política adotada pelo presidente Obama para a Rússia foi um erro. Em suas palavras:

The updated “roo little” camp blames President Obama and his administration for acting too softly on Moscow. According to this line of analysis, the “reset” in U.S.-Russian relations that Obama initiated in 2009 was a mistake, signaled U.S. weakness, and therefore invited Russian aggression. Putin knew he could invade Ukraine só this argument goes because Obama would not stop him. (STONE & MCFAULI, 2015, p. 168)

A discussão detalhada sobre os dois campos não cabe ser trabalhada aqui neste artigo, mas as ideias apresentadas contribuem para a identificação de alguns novos problemas. Embora essa análise seja pertinente ela termina não considerando outros fatores que contribuíram para o fracasso da democracia na Rússia Esses elementos, desconsiderados pelos dois autores serão trabalhados no próximo tópico.

3. O LEGADO HISTÓRICO E A CULTURA POLÍTICA

Nos estudos relacionados ao processo de democratização, o legado histórico muitas vezes é subestimado. Questões como a que foi apresentada no tópico anterior tendem a desconsiderar a relevância deste instrumento de estudo para analisar o que ocorreu na Rússia após a entrada de Putin no poder, o que deu início a desmanchada do processo de democratização no país. Como defende Pridham (2014):

Historical legacies are important in post-authoritarian regimes changes to liberal deocracy. For not only are they usually signifi can for the prospects of that process, they also feature in the broad context in which this change occurs, namely from the past – whether linked to the previous regime or even rooted in a longer history – usually come to play an influential role in the subsequent transition to the democracy and may even affect how when a new democracy becomes consolidated. (PRIDHAM, 2014; p. 82)

A utilização do estudo do legado histórico contribui para identificar padrões na história do Estado em questões que influenciam na cultura política da população estudada. A cultura política é a segunda abordagem que nos ajudará a analisar o pensamento e o comportamento dos russos diante dos abusos cometidos pelo presidente Putin durante seu governo. Essa ferramenta nos proporcionará a criação de um “mapa” de como as pessoas pensam e se comportam no cenário político, nos permitindo até a identificar certos padrões diante de tantas informações individuais e dispersas (NEWTON & DETH, 2010).

A cultura política apresenta um vasto campo de pesquisa social, onde o estudioso terá que lidar com diversas variáveis de uma determinada nação. Por exemplo, o grau de confiança ou intolerância apresentada pela população, a análise do grau de alienação/apatia dos cidadãos, a

aceitação ou recusa a determinadas formas de ação política e instituições em detrimento de outras, a identidade partidária e até mesmo o modo como os conflitos políticos internos e externos são percebidos e solucionados.

Acredita-se que o retorno de um regime autoritário durante o governo de Vladimir Putin possa ser explicado apenas pela repetição de um padrão já conhecido na trajetória histórica russa, principalmente por apresentar um passado que abarca quase 700 anos de governos autoritários, seja pela figura do czar ou com um ditador comunista. Não poderemos dizer que a cultura política da sociedade russa atual esteja apenas a repetir um padrão do período czarista ou soviético só porque eles fazem parte seu passado. É importante ressaltar que todos os fenômenos que englobam a cultura política não são estáticos, o tornando mesmo que lentamente, dinâmicos. A mentalidade da população vai mudando de acordo com o tempo e com os acontecimentos. Mas quando perguntamos a população qual seria o melhor tipo de governo para a Rússia, teremos alguns dados interessantes, como segue o quadro abaixo:

Quadro 1 – Survey: Qual o melhor tipo de governo para a Rússia?

	Governo Democrático (%)	Líder Forte (%)	Não soube responder (%)
1991	51	39	10
Verão de 2002	21	70	9
Primavera de 2005	28	66	6

Nota: os entrevistados foram questionados se preferem um governo democrático ou um líder forte para resolver os problemas do país.²

No período de transição, entre o final do regime soviético e o surgimento do governo democrático em 1991, a população estava “apostando” em um sistema realmente democrático, como mostra o Quadro 1, em 1991, 51% dos entrevistados eram a favor de um governo democrático, porém, com o desenrolar da abertura econômica, a experiência democrática se tornou um pesadelo. A população acredita que Yeltsin era um líder fraco e que não conseguia controlar os governos regionais e a oligarquia. Com a entrada de Putin na presidência e seu modelo de governo autoritário e centralizador nos anos 2000, passa a contar com o apoio da população, contando com 70% dos entrevistados em 2002.

2

Note: Respondents were asked whether Russia should rely on a democratic form of government to solve the country's problems or a leader with a strong hand. Source: Pew Research Center.

Atrelado ao seu passado autoritário, a cultura política da população russa atual também apresenta novos dilemas, como a própria experiência democrática durante o governo Yeltsin, o que também teria contribuído para criar uma nova percepção de política no país. Esses dois períodos mencionados anteriormente serão analisados nos tópicos em seguida.

3.1. FORMAÇÃO DO ESTADO RUSSO E A IMPORTÂNCIA DO AUTORITARISMO

A origem do Estado russo muito tem a ver com o desenvolvimento do autoritarismo no país. Antes da formação do Estado, os eslavos orientais estavam concentrados em Rus de Kiev, onde hoje seria Kiev, a capital da Ucrânia. A Rus kieviana era composta pelos grão-russos (os russos atuais), os russos-brancos (bielo-russos atuais) e os pequenos-russos (ucranianos atuais). O Estado kieviano era descentralizado, sendo mais uma confederação de cidades-Estado governadas pelo Príncipe de Kiev, onde, as cidades tinham uma relação de vassalagem ao príncipe.

A descentralização do Estado geraria uma constante desunião na defesa contra as invasões inimigas e logo a Rus de Kiev foi dominada pelos mongóis permanecendo sob seu domínio por mais de dois séculos. É possível notar que a descentralização da Rus kieviana era um fator de fraqueza e impossibilitou o Estado de se proteger das ameaças externas. Só após um processo de centralização política que o Estado russo pôde se formar (agora em território russo) e se livrar do domínio mongol (BUSHKOVITCH, 2014).

A experiência de vivenciar um Estado descentralizado e incapaz de se defender das ameaças externas para em seguida se tornar um Estado centralizado capaz de se proteger dos inimigos e de conquistar novos territórios, fez com que formasse um dos maiores impérios contíguos do mundo, marcando a psique política dos russos até os dias atuais. A concepção de que um Estado forte, centralizado, com um líder poderoso, seria de extrema importância para que civilização russa se desenvolvesse, se consolidava crescentemente.

Essa experiência separaria o destino da Rússia dos países ocidentais nos próximos dois séculos. Na Europa surgiria o liberalismo, dando ênfase aos direitos individuais e um Estado mínimo, no qual, diminui o poder de decisão do Estado sobre o indivíduo e também transferindo as questões religiosas a esfera individual. Nesse mesmo período a Rússia estava cada vez mais centralizada, o Estado tinha controle de todas as esferas sociais e a religião ortodoxa se tornaria oficial e obrigatória. Como aponta Segrillo (2012):

A Rússia passou por uma experiência histórica diferente, reforçando a crença de que foi com o fortalecimento e a centralização estatal que a civilização e sociedade russas puderam florescer até seu apogeu. [...] Isso ajuda a explicar, por exemplo, a popularidade de Vladimir Putin, nos anos 2000. Ele teria sido um *gosudarstvennik* (defensor de um Estado forte), que fortaleceu e centralizou o Estado russo após o período Yeltsin nos anos 1990,

caótico e com tendências centrífugas. O que foi encarado por muitos no Ocidente como um processo autoritário de recentralização estatal, foi visto por um grande número como um reequilíbrio da balança de poder. (SEGRILLO, 2012 p.122)

No auge do período czarista, o país pôde vivenciar uma modernização no âmbito econômico. Foram feitas diversas reformas para desenvolver a economia e o exército russo, mas o país não conseguiria acompanhar o desenvolvimento europeu. A Rússia vivia em contradição, por um lado a economia se dava aos moldes capitalistas dos países europeus, e no âmbito político o Estado era uma autocracia ilimitada.

A estrutura do Estado czarista só viria a ser transformada com a Revolução de 1905, através do Manifesto de Outubro durante o governo de Nicolau II. O manifesto transformou o governo russo em uma monarquia constitucional, pois agora havia um parlamento legislativo com poderes reais, e também seria legalizado a existência de partidos políticos, no qual, a configuração partidária ficou dividida entre os liberais e os socialistas, onde, o primeiro defendia uma monarquia constitucional e o segundo desejava a queda da monarquia. E a *Duma* (parlamento) seria bicameral, possuindo uma câmara alta, onde metade dos seus membros eram nomeados diretamente pelo czar e a outra metade era eleita pelos grupos sociais de prestígio (a nobreza por exemplo). A câmara baixa era totalmente eleita por homens com mais de 25 anos, e cada grupo social teria peso diferente nas eleições dos deputados. Por exemplo, proporcionalmente os nobres elegiam mais deputados que as outras classes sociais. O principal detalhe dessa *Duma* era que o czar poderia dissolvê-la a qualquer momento, o que ocorreu nas duas primeiras *Dumas*, onde a configuração não agradou o imperador.

A queda da monarquia na revolução socialista de 1917 não acabou por completo com as características autoritárias do governo, ao contrário disto, o Partido Comunista da União Soviética (PCUS) desenvolveu uma estrutura governamental centralizada, onde o partido possuía o controle de todas as camadas do governo. Qualquer decisão do governo antes era discutida e formada dentro do PCUS.

O Partido Comunista da União Soviética dominou o cenário soviético através do centralismo adotado pelos bolcheviques. Uma das principais características do PCUS no período soviético é o fato de que o Estado foi “engolido” pelo partido (SEGRILLO, 2005). O Partido Comunista tinha o Estado sob seu controle, para cada escalões do governo existia uma estrutura correspondente do partido. Um exemplo disso está na divisão do governo em ministérios, o PCUS reproduzia esta estrutura. Angelo Sergrillo (2005) menciona esse fato:

Em cada distrito, cidade e região, o partido tinha, respectivamente, seu comitê distrital (Raikom), comitê de cidade (Gorkom) e comitê regional (Obkom ou Kraikom) (parágrafos 41 e 42 do estatuto do PCUS). (SEGRILLO, 2005. p.19)

Durante o período soviético principalmente no governo de Stalin, a população enfrentou diversos problemas como censuras, repressão, exilamentos e até assassinatos. A oposição era perseguida pela polícia a comando do Kremlin, no qual, pessoas consideradas ameaça a ordem política do país eram deportadas para a Sibéria para trabalhar nos campos de trabalho forçado. Professores e escritores, tinham suas publicações controladas pelo governo, a mídia e as propagandas também eram controladas pelo partido comunista.

Esse controle do Estado começou a desabar com as reformas de Gorbachev, conhecidas como *perestroika* e *glasnost*. A primeira era um conjunto de medidas voltadas para a modernização da URSS, projetando uma abertura econômica, estimulando a criação de empresas privadas, aumento da liberdade das empresas para produzirem sem o comando do Estado. Enquanto a *glasnost* eram medidas voltadas para a questão política, como a transparência nas ações do governo, participação da população e a abertura para a liberdade de expressão da sociedade. Com essas reformas houve consequentemente a perda do monopólio do Partido Comunista na vida política nacional, foi o fim da estrutura Estado-partido-sindicato.

A partir deste momento, o país caminhará para a sua saída da União Soviética, terminando por dissolvê-la em 1991. Surge neste momento a Federação Russa, tendo Boris Yeltsin como o primeiro presidente eleito de forma democrática e direta.

3.2. A EXPERIÊNCIA DEMOCRÁTICA

O processo de transição do governo socialista para um governo democrático e capitalista não foi uma tarefa fácil para o presidente Yeltsin. A abertura econômica gerou uma onda de caos social no país, no qual, grandes empresas estatais, consideradas estratégicas, foram vendidas a grupos estrangeiros, ondas inflacionárias atingiram o país, houve um aumento substancial do nível de desemprego, a pobreza disparou, além do aumento do consumo de drogas, violência, corrupção, e o surgimento da máfia, foram algumas das consequências desta transição.

Na área política, o país pôde vivenciar seu momento mais democrático. Instituições democráticas, eleições diretas e livres, direitos políticos e multipartidarismo. Apesar disso, a experiência econômica e o sofrimento social ficaram marcados na mente do cidadão russo. Esse período foi considerado traumático para a sociedade russa e o presidente teve um índice de rejeição alto no país, ao contrário da opinião interna, Yeltsin era visto pelo Ocidente como um governante comprometido com a democracia. Para os russos, os custos sociais da “terapia de choque” criada por Yeltsin e seu ministro Egor Gaidart terminou por tornar a experiência democrática no mínimo desapontadora. A “terapia de choque”, se baseava na crença de que um processo de privatização

rápido seria melhor que um processo gradual e lento. Para os membros do parlamento, o custo político de apoiar esse projeto (inflação, desemprego e baixo crescimento econômico) estava sendo alto demais para a sociedade russa (SEGRILLO, 2015)

O cenário muda com a entrada de Vladimir Putin no poder, ex-agente da KGB, o Comitê de Segurança do Estado do período soviético. Putin dá início a um processo de recentralização do poder voltado para o Kremlin.

Se durante o governo de Boris Yeltsin a economia chegou ao “fundo do poço”, mas em termos políticos foi o período mais liberal, podemos dizer que o governo de Putin aconteceu o inverso. Houve uma redução das liberdades políticas, mas, ao mesmo tempo, a área econômica voltou a apresentar crescimento.

4. VLADIMIR PUTIN NO PODER

Um dos principais exemplos que podemos evidenciar está na diferença de tratamento dado para os governadores regionais e a política externa do país nesses dois governos. Segundo Segrillo (2014):

Yeltsin dava muita liberdade aos governadores regionais (em troca de apoio a si no nível federal), o que levou a tendências excessivamente descentralizadoras e centrífugas, com regiões inclusive colocando leis locais se sobrepujando às leis federais e uma (a Chechênia) ameaçando se tornar independente. Já Putin estabeleceu um esforço de centralização forte, obrigando as regiões a se vergarem ao poder federal superior. Na política exterior, Yeltsin, a despeito de todos os percalços e contradições dos anos 1990 naquela esfera, procurava implementar relações de aproximação com o Ocidente. Putin, após um início em que colaborou com o Ocidente, especialmente no período imediatamente após os atentados de 11 de setembro de 2001 [...] passou a adotar uma atitude mais assertiva, e mesmo combativa, frente ao EUA e potências ocidentais contra o que via como um avanço da OTAN e das influências clandestinas ocidentais em direção ao entorno da Rússia. (SEGRILLO, 2014 p.163;164)

Podemos dividir o governo de Putin em dois momentos distintos, um que vai do início do seu mandato como presidente até a crise mundial de 2008-2009, e o segundo momento seria após a crise até o governo atual. Lembrando que Putin era uma pessoa desconhecida na área política, nos seus primeiros anos na presidência, era considerado um enigma para os observadores ocidentais. Não se sabia ao certo se ele manteria a aproximação com o ocidente como fez Yeltsin, ou se seguiria um caminho mais assertivo. Também havia questionamentos quanto ao futuro da democracia no país, se ele aprofundaria a democracia ou se utilizaria métodos mais autoritários para controlar o governo.

Seu primeiro indício de autoritarismo ainda seria no cargo de primeiro-ministro, quando deu início a campanha que levou a segunda guerra na Chechênia, com a opressão aos grupos

separatistas. Logo depois que assumiu o cargo de presidente, Putin acelerou o processo de “fortalecimento vertical do poder”, retomando a hierarquia entre o poder federal e os poderes regionais que agora seriam subordinados. Um exemplo já citado anteriormente neste estudo, foi quando Putin consegue aprovar o fim das eleições diretas para governador regional na Rússia, daí para frente os governadores passariam a ser nomeados pelo presidente federal.

Uma segunda medida que elevou a popularidade de Putin foi em relação à plutocracia, onde a oligarquia no governo Yeltsin conseguia dominar e influenciar o poder central. Havia certa “promiscuidade” pela qual os oligarcas influenciavam direta ou indiretamente a administração central (SEGRILLO, 2014). Com Putin no poder, a influência da oligarquia passou a ser apenas na área econômica, estando proibida de se imiscuir na política, principalmente aqueles oligarcas que usavam o poder do dinheiro para fazer política oposicionista. Os grandes empresários que se recusassem a se afastar dos assuntos políticos teriam suas empresas como alvo de vistorias da polícia e de órgãos de imposto de renda. Donos de grandes empresas da área de comunicação e de produção de petróleo foram acusados de fraude fiscais e outros crimes. Boris Gusinsk foi o primeiro oligarca a sofrer com essas acusações, ele chegou a ser preso temporariamente, e logo depois assinou a venda da maior parte das suas empresas para pagar as multas. Esse processo de “caça aos oligarcas desobedientes” terminou alavancando um processo de reestatização de alguns setores de produção considerados estratégicos, como empresas de petróleo e canais de TV de alcance federal na Rússia.

Na política externa, as relações com o Ocidente e com os EUA foram temporariamente garantidos, principalmente após o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001, Putin passou a cooperar com os Estados Unidos na luta antiterror no Afeganistão. Nesse período, a Rússia permitiu aviões americanos que levavam suprimentos a voar sobre o território russo a caminho do Afeganistão. Houve também um grande volume de trocas de informações confidenciais a respeito do terrorismo entre os dois países. O momento mais relevante desta cooperação foi a formação do Conselho OTAN-Rússia em 2002, que viria para aprofundar as relações entre a Rússia e a OTAN. Essa conduta de política externa foi se alterando na metade da década de 90 em diante, segundo Zhebit (2010):

Devido aos comportamentos políticos externos dos primeiros anos da presidência de Boris Yeltsin na Rússia, a política externa russa, que tomou euforicamente um rumo excessivamente ocidentalizado, teve que ser corrigida na segunda metade dos anos 90, equilibrando o vetor ocidental com os outros vetores externos (como a Comunidade dos Estados Independentes, relações com a Índia, a China, a América Latina). (ZHEBIT, 2010, p.114)

Zhebit (2010) aponta alguns dos motivos que levaram os novos líderes russos a um certo distanciamento das relações com o ocidente. Segundo ele, além da decepção gerada pela

aproximação da Rússia com o ocidente durante os primeiros anos após o fim da União Soviética, houve o choque com os valores universais ocidentais que “não foi digerido e absorvido integralmente pela mentalidade cultural russa” (ZHEBT, 2010, p.114).

Além das medidas centralizadoras e da boa relação com o Ocidente, Putin pôde contar com a economia, acredita-se que ela foi o pivô que elevou a popularidade de Putin ao extremo. Durante seu primeiro mandato, o presidente contou com uma forte recuperação e crescimento econômico, ao contrário da realidade do governo de Yeltsin. Muitos estudiosos afirmam que Putin teve a sorte de pegar o governo da Rússia em 1999 após o “fundo do poço”, pois, os anos de 1999 e 2000 foram o período em que os preços do petróleo dispararam no mercado mundial. Sabemos que a Rússia é um dos maiores produtores de petróleo do mundo e Putin contou com a subida dos preços do barril de petróleo para reorganizar a economia, onde ele pôde investir no desenvolvimento do país e conseguiu colocar os salários e as aposentadorias em dia. O presidente logo foi visto como um “Deus”, pois em menos de um ano de governo, o país já apresentava um considerável crescimento econômico e a população sentia isso com o aumento dos salários que triplicaram entre 1999-2008, o desemprego caiu para a metade e a população que se encontrava na linha da pobreza foi reduzida pela metade (SEGRILLO, 2014).

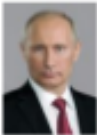
Em um panorama mais geral, Putin reduziu a burocracia para a abertura e condução de negócios, reduzindo o tempo do processo num prazo de uma semana. A reforma fiscal que simplificou o recolhimento dos impostos, introduziu uma baixa taxa única de imposto de renda de 13%. Essa nova taxa é conhecida como *flat tax*, esse imposto é dado de forma regressiva, ao contrário do sistema adotado pelo resto do mundo que é progressivo, ou seja, o imposto é maior quanto mais dinheiro a pessoa tem. Na *flat tax* o imposto é igual, independentemente da sua renda total.

Durante o governo de Yeltsin, a elite política que governava a Rússia eram os oligarcas, a esse tipo de governo deu-se o nome de plutocracia. Putin, ao iniciar seu governo, acaba com a influência dos oligarcas na política e coloca em seu lugar os *siloviki*, que são pessoas que trabalham para as forças de segurança do Estado, como o exército e a KGB. Putin mantém a ala liberal (civil) influenciando a economia do país, e para resolver as ameaças internas e externas deixa ser influenciado pelo grupo dos *silovik*. No segundo mandato os *siloviki* passaram a ter maior influência no governo, pois as tensões externas aumentaram.

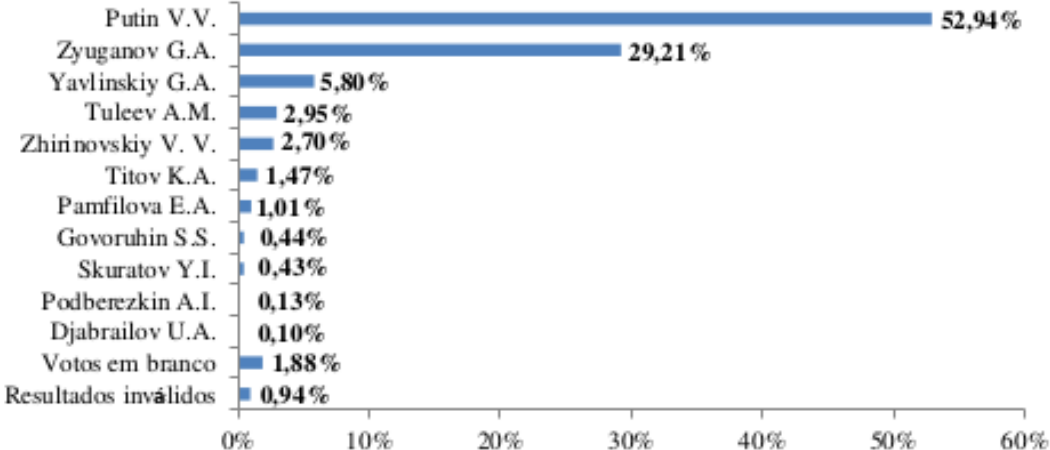
Em 2004 Putin consegue ser reeleito, agora com mais de 70% dos votos. É interessante notar que nas eleições para o seu segundo mandato não houve outro candidato que pudesse disputar de forma significativa o cargo de presidência do país. Vale observar que nas duas eleições, Putin teve uma porcentagem maior do que a soma dos votos de todos os outros candidatos, tornando sua

candidatura de relevância ainda maior.

Tabela 1 – Resultados de eleições presidenciais de 2000 e 2004 na Federação Russa

Data de Eleições	Participação	Vencedor Vladimir Putin	Comentário:
26.03.2000	68.64%		Presidente da Federação Russa foi eleito por um período de 4 anos .
14.03.2004	64.38%		

26.03.2000:



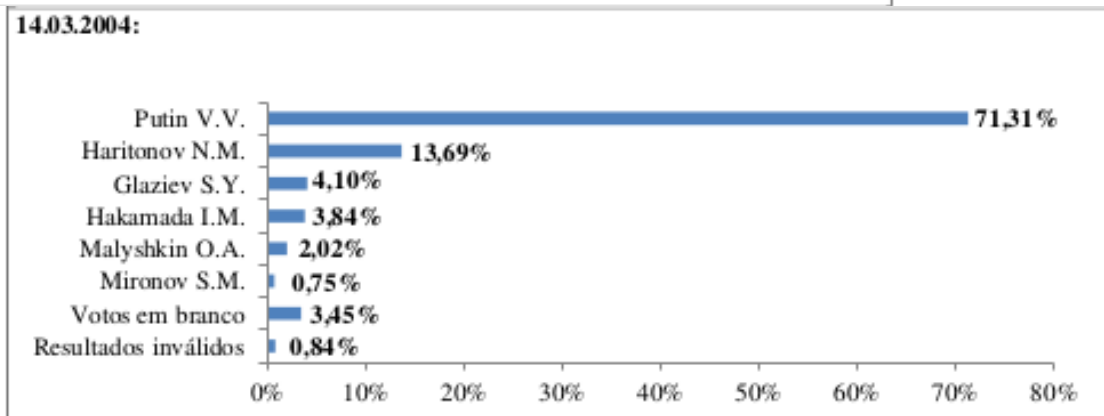
Candidato	Porcentagem
Putin V.V.	52,94%
Zyuganov G.A.	29,21%
Yavlinskiy G.A.	5,80%
Tuleev A.M.	2,95%
Zhirinovskiy V. V.	2,70%
Titov K.A.	1,47%
Pamfilova E.A.	1,01%
Govoruhin S.S.	0,44%
Skuratov Y.I.	0,43%
Podberezkin A.I.	0,13%
Djabrailov U.A.	0,10%
Votos em branco	1,88%
Resultados inválidos	0,94%

Fonte:

Elaborado

por Oxana Shpuy com base nos dados do site <<www.mail.ru>>

Agora reeleito, Putin contava com a economia que



continuava crescendo, mas foi na política externa que tudo mudou. Quando os EUA decidem invadir o Iraque baseado em falsas denúncias de que haveriam armas de destruição em massa no país. Para o governo russo, essa invasão não foi interpretada como um ato defensivo, como foi na invasão do Afeganistão, na verdade Putin encarou a nova invasão como uma atitude imperialista. Outros problemas vieram a tona como: as Revoluções Coloridas, a rosa na Geórgia e a laranja na Ucrânia; o avanço da influência da OTAN em direção à Rússia e aos países vizinhos; a crise do gás natural (Guerra do Gás) entre a Ucrânia e a Rússia e posteriormente entre a Rússia e os países europeus. Podemos deduzir que ao contrário do seu primeiro mandato, as relações com o Ocidente não continuaram de forma cooperativa, na verdade, muitos estudiosos indicam que a partir desses acontecimentos uma “nova Guerra Fria” se iniciou.

No âmbito interno, o processo de centralização política se consolidava ainda mais. Putin tinha o controle das grandes empresas de petróleo e de TV, o parlamento também estava controlado pelo partido de poder, o Rússia Unida, garantindo maior governabilidade para o presidente. Foi durante o seu segundo mandato que a organização Freedom House, instituto responsável por medir as liberdades políticas e civis em diversos países, rebaixou a Rússia de país “parcialmente livre” para país “não livre”.

Um exemplo disso ocorreu em 2006, quando o presidente Vladimir Putin alterou a lei que regulariza a criação e as atividades das ONGs na Rússia. Essa nova legislação considerava todas as ONGs que recebessem financiamento ou qualquer tipo de ajuda estrangeira como “agentes estrangeiros”, tratando dessa maneira, as organizações sem fins lucrativos teriam que se regularizar como agentes estrangeiros, passando por uma enorme burocracia. Segundo Chip Pitts (2015), toda ONG que receber ajuda estrangeira terá que: (a) se registrar como agente estrangeiro na lista do estado; (b) prover relatórios das suas atividades, fundos, despesas, conselho de administração a cada seis meses; (c) prover relatórios anualmente.

A ONG que se recusar a se registrar como agente estrangeiro, poderá ter seu trabalho parado por seis meses. Essa lei também modificou o Código Criminal da Rússia que agora poderá condenar por dois anos para quem recusar fazer o novo registro, três anos para o criador da ONG, dois anos para os participantes.

Essa nova legislação também pode negar o registro de ONGs que possam gerar ameaças a soberania, a política, a independência, a integridade territorial, a unidade nacional, a cultura e os interesses nacionais da Federação russa. Foi criada uma agência federal habilitada a proibir as transferências financeiras da ONG internacional para a sua filial local em prol de “proteger o sistema constitucional, a moral, direitos e legitimidade dos interesses da população e prover a segurança do país”.

Em um outro artigo, Anne Applebaum (2013) afirma que o presidente Vladimir Putin acredita que os países do ocidente, principalmente os Estados Unidos, usam as ONGs para “espionar” e até mesmo treinar os grupos que se declaram de oposição ao governo. Segundo a presidente do conselho de direitos humanos do Kremlin, Ellan Pamfilova, o “poder não deseja uma revolução organizada na Rússia com dinheiro estrangeiro como ocorreu na Ucrânia”.

Em maio de 2015, o presidente junto ao parlamento sancionou outra lei a respeito das ONGs, onde dá aos procuradores de justiça o direito de declarar “indesejáveis” as ONGs na Rússia e mandar fechar as organizações estrangeiras que se intrometem na política russa. As ONGs que forem consideradas “indesejadas” não poderão abrir escritórios, divulgar materiais informativos, inclusive através da mídia, bem como realizar projetos próprios na Rússia. Além disso, a organização terá seus ativos congelados no país. Isso faz com que ONGs encarregadas de discutir questões políticas, como a Freedom House, Transparência Internacional ou Anistia Internacional estão completamente ameaçadas por essa nova lei.

Com o aumento da influência dos *silovik* no governo, foi uma surpresa que Putin indicasse Dmitri Medvedev para ocupar o cargo de presidente após o término do seu mandato. Medvedev era considerado do grupo da ala civil, mais liberal e ocidentalista. Como na constituição russa o presidente é proibido de ter três mandatos, o que levou muitos estudiosos a pensar que Putin modificaria este item da constituição, já que possuía a maioria constitucional no parlamento, o que não veio a acontecer. A pergunta que fica é: Putin abdicou do poder ao indicar Medvedev como o seu sucessor? O que não ficou bem explicado e o que poucas pessoas sabem, é que a Federação Russa é semipresidencialista, onde o presidente fica responsável pela política externa e o primeiro-ministro ficaria responsável pela política interna. Dias depois de Putin anunciar Medvedev como seu sucessor, Medvedev anunciou que Putin seria seu primeiro-ministro. Esse arranjo permitiu Putin a se manter no poder de 2008 a 2012, esse período ficou conhecido como a diarquia Medvedev-Putin. Segundo Tito Lívio (2015):

Devido ao carisma conquistado de Putin como “homem forte” do Kremlin, muitos autores vão argumentar que apesar da divisão de poderes, o primeiro-ministro terá ainda um importante papel no processo decisório do presidente. (LÍVIO, 2015, p. 96)

O governo de Medvedev foi marcado por duas grandes crises, a primeira foi o conflito com a Geórgia pela Ossétia do Sul, o que mostrou que a divisão presidente-primeiro-ministro só existia na teoria. Na prática quem deveria ter ido visitar o local do conflito era Medvedev, mas foi Putin o primeiro a ir ao local. A segunda grande crise foi na área econômica, uma crise que afetou o mundo todo. A Rússia passaria a apresentar crescimento negativo nos próximos anos do seu mandato,

pondo fim a década do *boom* econômico. É importante lembrar que sendo um governo semipresidencialista, o responsável pela economia no país era o primeiro-ministro, é nesse momento que a oposição começa a crescer sobre Putin, surgindo grandes manifestações populares contra o autoritarismo do governo. Nas eleições parlamentares de 2011, com o partido governista recebendo 49% dos votos, os grupos de oposição não conseguiram atingir a barreira eleitoral de 7%, surgindo grandes manifestações de rua de uma oposição extraparlamentar que acusava o governo de praticar fraudes eleitorais. O auge dessas manifestações se dá com a eleição de Putin a presidente, com 64% dos votos.

Duas medidas conciliatórias com a oposição foram feitas ainda no mandato de Medvedev, a primeira foi a proposta de voltar as eleições diretas para os governadores regionais, e a outra foi a criação de uma nova lei que facilitara a criação de partidos político, no qual, Putin manteve essas medidas, mas ele ainda estava disposto a retomar as rédeas do governo e confrontar a oposição. O presidente agora agiria de modo repressivo aos protestos, impondo leis que dificultavam as manifestações de rua, chegando até a prender alguns dos manifestantes. Esse foi o caso da banda *Pussy Riot*, após o grupo ter invadido uma igreja em Moscou, cantando algumas das suas letras que misturam versos de protestos contra Putin e cânticos religiosos (BBC NEWS, 2013).

Mesmo com o crescimento das manifestações e com a queda do crescimento econômico (crescimento que elevou popularidade de Putin nos dois primeiros mandatos), Putin consegue se eleger para o seu terceiro mandato, que agora durará até 2018, podendo se reeleger para mais seis anos indo até 2024, devido a proposta enviada em 2008 pelo presidente Medvedev de aumentar o mandato presidencialista de 4 para 6 anos, ter sido aprovada na *Duma* por 388 votos a 58. Mas a pergunta que fica é: se o sucesso de Vladimir Putin no governo se deu através do crescimento econômico, como ele consegue ser reeleito, mesmo após a crise econômica de 2008?

Pare responder essa pergunta devemos olhar para o período de transição do governo socialista para uma democracia capitalista com Boris Yeltsin. O caos social e econômico vivenciado pela população russa nesse momento marcaria a mentalidade desse povo. O fato é: a população russa tem medo de grandes mudanças de governo, preferem continuar da maneira que estão para não ter que enfrentar uma transição para o inseguro, ou seja, para um governo que eles não conhecem.

Se um grande número de russos apoiava Putin em seus primeiros anos por este ter permitido um grande crescimento econômico na Rússia, após a crise muitos deles, “escaldados” pelas turbulências da década de 1990, parecem ter ficado com medo de “balançar o barco” e trocar da liderança já conhecida de Putin por outra ainda não testada (ou que fossem das antigas da malfadada década de Yeltsin). Ou seja, a insegurança e o medo do desconhecido fez com que preferissem ainda a testada e bem sucedida economicamente administração Putin do que em uma jornada nova rumo ao desconhecido. (SEGRILLO, 2014 p.165)

O que fica marcado quando estudamos a sociedade russa é que a mentalidade autoritária permaneceu, fazendo com que, por meios democráticos, líderes “enérgicos”, com tendências autoritárias, cheguem ao poder.

CONCLUSÃO

A análise feita pelos autores Katheryne Stone e Michael Mcfaul (2015), terminaram por atribuir a “culpa” pela falha no processo de democratização da Rússia e pelo retorno das tensões internacionais ao Ocidente e principalmente aos Estados Unidos. Do ponto de vista de que o Ocidente pecou por intervir demais nos assuntos internos da Rússia durante o governo de Yeltsin, tanto quanto a sua visão oposta que termina por defender que o Ocidente fez pouco para garantir a democracia no país, podemos concluir que ambas as hipóteses levariam a mesma consequência: o distanciamento das relações entre o país russo com o Ocidente.

É pertinente agregar a essa primeira perspectiva as análises criadas a partir do ponto de vista do legado histórico e da cultura política. Através desta junção de abordagens, ampliamos nossa compreensão sobre outros mecanismos que contribuíram para o enfraquecimento do processo de democratização na Rússia, a partir da eleição do presidente Vladimir Putin através de eleições relativamente democráticas.

Com isso, podemos evidenciar que o processo de formação do Estado russo através da centralização do poder nas mãos do czar, ao contrário da realidade da Rus’ de Kiev, pôde garantir a sobrevivência do Estado e seu consequente desenvolvimento. Esse evento terminaria marcando fortemente a mentalidade da população russa, inclusive na atualidade. A ideia de que a sociedade só pode sobreviver através da ordem exercida por um regime autoritário persiste na opinião pública atual.

Outro fator marcante para os russos foi o governo de Yeltsin, marcado pelo caos econômico e social causados pela “terapia de choque”, além de um processo radical de privatização e abertura econômica que terminaram por elevar a inflação e deixar grande parte da população desempregada. Se contarmos com a opinião de Sergrillo (2014) e encararmos esse período como o “mais democrático”, podemos concluir que no cenário econômico foi um terror. A população acabou tendo uma péssima experiência em relação a democracia e isso contribuiu para a eleição de Vladimir Putin poucos anos depois. Esse evento em particular, terminou por aflorar na população o sentimento de que apenas um líder forte pudesse trazer de volta a ordem política, econômica e social para o país. E foi com esse pensamento que a população russa foi às urnas em 2000, elegendo Putin e diretamente apoiando o retorno das tendências autoritárias e centralizantes após os anos

2000.

A experiência democrática, considerada “péssima” pela população russa, contribuiu para que o povo russo mantivesse um relativo receio em apoiar transformações consideradas muito radicais, preferindo reeleger uma personalidade já conhecida do que votar para algo inseguro e desconhecido, como aconteceu no fim da URSS.

Isso nos leva a concluir que não só a atuação do Ocidente (em grande ou pouca medida) foi suficiente para explicar as mudanças ocorridas após as eleições do ano 2000. Isso nos leva a defender que influências históricas também devem fazer parte da análise.

Isso nos impulsiona a levar em consideração o fato de que população russa continua a confiar o futuro do país a um líder autoritário, elegendo-o mesmo que de forma democrática. Eles acreditam que só um líder forte será capaz de guiar e levar ordem para o país.

A população russa possui uma mentalidade autoritária, confiam num líder forte mesmo que isso lhes custem alguns direitos civis a menos. Um exemplo disso é o que a mídia propaga sobre Putin, mostrando-o como um herói, valente, caçador e ativo.

Entendemos então que o “retorno” de uma nova tipologia de autoritarismo tenha voltado a atuar na Rússia, com o apoio da população. E esse cenário só poderá ser transformado através de uma mudança cultural, pois, a existência da participação popular nas eleições têm se mostrado insuficiente para promover alguma mudança concreta em direção a democracia do país. A sociedade russa terá que criar uma experiência democrática nova, não precisando ser literalmente a mesma adotada pelo ocidente, para que possam de alguma forma se transformar em um país efetivamente democrático.

REFERÊNCIAS:

APPLEBAUM, Anne. **Putinism: the ideology**. Londres: Lse Ideas, 2013. 14 p.

BBC NEWS, Pussy Riot: The story so far. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-europe-25490161>>. Acesso em 21 de novembro de 2016.

BUSHCOVITCH, Paul. **História Concisa da Rússia**. São Paulo: Edipro, 2014. 503 p. (História das Nações). Tradução de :José Ignácio Coelho Mendes Neto.

GEL'MAN, Vladimir. The rise and decline of electoral authoritarianism in Russia. **Demokratizatsiya**, v. 22, n. 4, 2014.

LEVITSKY, Steven; WAY, Lucan A.. **Competitive Authoritarianism: Hybrid Regimes After the Cold War**. New York: Cambridge University Press, 2010.

LEVITSKY, Steven; WAY, Lucan. The rise of competitive authoritarianism. **Journal of democracy**, v. 13, n. 2, p. 51-65, 2002.

NEWTON, Kenneth; DETH, Jan W.. **Foundations of Comparative Politics: Democracies of the Modern World**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2009.

PEREIRA, Tito Lívio Barcellos. **Federação Russa: A Diarquia Vladimir Putin (2000-2008) & Dimitry Medvedev (2009-2012)**. 2015. 171 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós- Graduação em Estudos Estratégicos, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

PITTS, Chip; OVSUANNIKOVA, Anastasia. **Russia's New Treason Statute, Anti-NGO and Other Repressive Laws: Sovereign Democracy or Renewed Autocracy**. Hous. J. Int'l L., v. 37, p. 83, 2015.

PRIDHAM, Geoffrey. Post-Communist Democratizations and Historical Legacy Problems. **Central Europe**, [s.l.], v. 12, n. 1, p.82-98, maio 2014. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1179/1479096314z.00000000019>.

SEGRILLO, Angelo. **De Gorbachev a Putin: A saga da Rússia do socialismo ao capitalismo**. Curitiba: Editora Prismas, 2014. 255 p.

SEGRILLO, Angelo. **Os Russos**. São Paulo: Contexto, 2012. 282 p. (Coleção povos & civilizações).

SEGRILLO, Angelo. **Rússia e Brasil em Transformação: Uma breve história dos partidos russos e brasileiros na democratização política**. Rio de Janeiro: 7letras, 2005. 251 p.

STONER, Kathryn; MCFAUL, Michael. Who Lost Russia (This Time)? Vladimir Putin. **The Washington Quarterly**, [s.l.], v. 38, n. 2, p.167-187, 3 abr. 2015. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/0163660x.2015.1064716>.